

Mídia e espetáculo: tempos de esporte, tempos de guerra

(...)Foi um dia feio, mas matamos mais do que morremos.¹

Prezados leitores e leitoras (provavelmente atingidos em suas casas pelos mísseis da violência imperialista americana ou por algum soco esportivo das lutas de Boxe ou da Luta Livre...),

Este número é uma continuação do tema *Educação Física, Esporte, Lazer e Mídia*, publicado na última edição. A continuação desta temática se justifica por dois motivos: o primeiro é pela emergência e ebulição da problemática da mídia na comunidade científica, inclusive nas chamadas Ciências do Esporte, nomeadamente no GTT Esporte e Mídia/CBCE e, conseqüentemente,

pela relevância das abordagens midiáticas neste campo de jogo acadêmico; e também em virtude do número de textos recebidos, direta ou indiretamente ligados ao tema. Por essa razão, fomos impelidos a produzir este segundo volume, quando a idéia inicial era de apenas um.

Isto posto, gostaríamos de dividir com vocês nossas indignações e protestos, que também abalam e afetam cotidianamente a sociedade civil mundial, contra a invasão norte-americana ao Iraque. Trata-se, na verdade, como dizem os civis nos protestos em todo o mun-

¹ Palavras de Tomy Franks, comandante das tropas norte-americanas durante a primeira semana da guerra contra o Iraque, em entrevista coletiva ao CNN, referindo-se ao número de baixas das tropas dos exércitos.

do, de uma vergonha para os Estados Unidos da América e para o Reino Unido social-democrata do Tony Blair, que desrespeitaram, ou melhor, vilipendiaram e mancharam de sangue o processo de paz, a ética, a justiça, a política e o multilateralismo mundial, ao agir unilateralmente, ao assassinar vítimas civis inocentes numa região outrora já sofrida pelo embargo econômico, fome, miséria. Esta guerra, capitaneada como diz Bourdieu pelas *artimanhas da razão imperialista*², cujo mentor maior é o suposto dono do mundo, o presidente neo-nazista e fascista dos EUA, o carrasco George Bush, por sinal, também considerado por grande parte dos militantes anti-guerra e alguns jornalistas, como um *perigo para o planeta*.

Pode-se dizer, considerando as imagens de destruição construídas pelas novas tecnologias bélicas e midiáticas, que se trata de uma grande jogada estratégica da geopolítica imperialista, no sentido de não apenas controlar o petróleo do Golfo, mas de dominar esta região no ponto de vista político, econômico e cultural, mesma estratégia, aliás, desse poder imperialista, através da controversa implantação da Alca - Acordo de Livre Comércio das Américas - na América Latina.

Esta guerra insana e sangrenta construída pelo imperialismo norte-americano representa uma grande ameaça para a soberania dos povos, sobretudo, para os chamados países periféricos. Portanto, ela representa para a humanidade uma referência negativa anti-ética, ilegal e brutal para os povos, principalmente, porque põe em risco a convivência pacífica do gênero humano, constituindo-se, portanto, num paradigma de violência e barbárie, em termos de ética, política e direitos humanos, para novas gerações de crianças e jovens em escala planetária. Esta reflexão é de suma relevância, se considerarmos que essas forças imperialistas destrutivas, ao invés de investir em políticas sociais para os *homeless* do próprio país, investem em milhões de dólares na produção armamentista de alta tecnologia e poder de extermínio em massa das populações dos países para manter a hegemonia do decadente império.

Esta chacina-espetáculo ou guerra-espetáculo, como é veiculada na mídia, é um genocídio que desobedece os avanços já alcançados e em construção pelos organismos multilaterais como a ONU - Organização das Nações Unidas. Tudo isso poderá trazer consequências para as

2 Cf. NOGUEIRA, M. A. Alice e CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

relações pacíficas internacionais no que se refere aos aspectos econômico, políticos, culturais, éticos, enfim das relações globais de alteridade.

As palavras acima expressas sobre os requintes de violência desta guerra, pretendemos também agregar as nossas preocupações com a guerra e a violência estrutural de caráter multidimensional que atinge à sociedade brasileira e, em especial, à classe trabalhadora empobrecida, envolta por contingências da ordem do capital, em esquemas bélicos tão violentos quanto a guerra do Iraque (assaltos, seqüestros, tráfico de drogas, morte de civis inocentes, etc.). Paralelamente a essa onda de violência, não podemos esquecer o papel paradoxal da mídia, no que tange, de um lado, à espetacularização, banalização e naturalização da violência e da guerra e, de outro lado, à possibilidade emancipatória, crítica e educativa que possui enquanto vetor de transformação social. É claro que a questão da espetacularização da guerra tem a ver com todo o aparato conceitual que envolve a chamada *Sociedade do*

Espetáculo proposta por Debord (1997)³. Para o autor, a mídia também faz parte de um *sistema de dominação espetacular*, que se utiliza da *linguagem espetacular*, a qual, por sua vez é constituída pela forma-mercadoria e, consecutivamente, sob a égide da abstração do tempo-mercadoria e da relação entre espetáculo e dinheiro. O autor salienta, a partir da *Miséria da Filosofia*, que(...) *é nessa dominação do tempo-mercadoria que o “o tempo é tudo, o homem não é nada: no máximo ele é uma carcaça do tempo” .(...) É o tempo desvalorizado, a inversão completa do tempo como “campo de desenvolvimento humano”(Ibidem:103).*

Considerando essas assertivas, poderíamos inferir que, de acordo com exposição das imagens dos corpos de milhões de civis e militares mortos neste conflito, de nada vale a vida para os que fazem a guerra. Para a mídia, com exceções, é claro, o que vale é o tempo quantitativo, o IBOPE, a notícia transformada em mercadoria atraente e tecnológica, posta à venda com seu mero valor de troca⁴. Neste sentido, cumpre lembrar que, no que

3 Cf. DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

4 Cf. MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da notícia: jornalismo como produção da segunda natureza*. São Paulo: Atica, 1999.

se refere às notícias sobre a recente guerra/invasão no Iraque, a mídia brasileira, salvo raras exceções, passa por uma crise de confiabilidade e credibilidade, em virtude de seu atrelamento à mídia internacional, a qual, por sua vez, encontra-se subordinada aos interesses econômicos e imperialistas estadunidenses de forma parcial, acrítica e passiva na divulgação dos fatos jornalísticos⁵.

Assim, considerando o tema desta edição, não se pode, a nosso ver, desconsiderar o papel da mídia no âmbito das ciências do esporte, fundamentalmente, no mundo dos esportes, principalmente, neste momento emblemático de tanta violência real e simbólica contra os iraquianos, suas riquezas econômicas (petróleo), suas riquezas culturais nacionais e patrimônios culturais da humanidade (templos, universidades, palácios, museus, mesquitas, etc.). Na realidade, o que queremos dizer na esteira desse raciocínio é que não se pode fazer vistas grossas à violência simbólica, que aparece cotidianamente na telinha ou nos periódicos, durante as transmissões das práticas corporais e esportivas, sob a forma de vi-

olência simbólica lingüística e imagética.

Nesta perspectiva, o que estamos querendo deixar para reflexão, prezados leitores e leitoras, é a questão da dimensão ética e estética durante as transmissões de eventos esportivos e entrevistas veiculadas na mídia televisiva. Trata-se de uma *ética/estética da guerra*, que aparece de forma velada e de violência simbólica, que de algum modo incomoda os imaginários e consciências dos telespectadores atentos e sensíveis. O que estamos dizendo, diz respeito, sobretudo, aos depoimentos de comentaristas, técnicos e dirigentes esportivos e atletas que, vez em quando, referem-se aos eventos esportivos, às competições como uma guerra: *já vai começar o mata-mata! esse jogo vai ser uma guerra! é matar ou morrer!*

Paralelamente a essas declarações de guerra e também carregadas de pobreza ética e estética, vê-se na televisão e nos jornais as imagens *trash* dos corpos estilhaçados pelas explosões, balas e mísseis da guerra contra o Iraque, mas também uma plêiade de imagens advindas de programações bizarras e não menos violentas em termos

5 Cf. Entrevista com o jornalista Carlos Dorneles sobre o seu livro recém lançado *Deus Inocente*, o qual trata da forma como a mídia brasileira vem divulgando os atentados de 11 de setembro e a guerra do Afeganistão.

simbólicos, do que as da guerra real. Estamos nos referindo de forma geral, aos *reality shows*, aos programas de auditório que *animam* humilhando os participantes, aos filmes para crianças, jovens de uma enorme violência; mas também aos entretenimentos bizarros e espetaculares que, de algum modo, incitam e excitam os espectadores ao consumo de práticas corporais violentas, aguçando os sentidos para o erotismo sado-masoquista dos pontapés, socos e nocautes dos Vale Tudo, Lutas Livres e do Boxe. Nesta mesma linha de raciocínio, não se pode olvidar das corridas de Fórmula 1 com seus acidentes e poluição sonora e ambiental, das brigas de torcida transmitidas ao vivo, desde os ginásios e estádios, de técnicos esportivos usando linguagem ofensiva, chula e violenta contra seus adversários, torcida e até mesmo contra seus comandados.

Somos da opinião que cada míssil lançado contra Bagdá também cai nas nossas cabeças, obrigando-nos, enquanto professores, cidadãos e pesquisadores, à necessidade iminente de criar baterias anti-guerra de caráter ético-estético-pedagógico, visando a desconstrução da ética e da estética da guerra, enfim dessa grotesca globalização da violência.

Apesar de todas essas críticas sobre a mídia, há de se reco-

nhecer seu caráter contraditório e ambíguo, como já mencionamos antes. Urge, portanto, reconhecer, no âmbito de toda essa espetacularização, mercantilização das subjetividades e dos fenômenos sociais fomentadas por ela, que também há nichos de possibilidades de emancipação da condição humana nas programações esportivas. A título de exemplo, podemos lembrar do Campeonato Mundial de futebol de Areia, realizado em fevereiro último tendo como arena as praias do Rio de Janeiro. Durante o jogo do Brasil contra a Espanha, um jogador brasileiro fez um gol e comemorou com estilo, correndo em direção à torcida e fazendo gestos como se estivesse com a metralhadora na mão, lembrando o confronto de bandidos com a polícia no tráfico de drogas no Rio de Janeiro. No próximo programa esportivo, a âncora da emissora SPORT TV elogiou o feito da qualidade estética do *golaço* realizado pelo jogador, mas imediatamente criticou sua gestualidade, lembrando-o que ele estava sendo visto por muitas crianças e jovens e, que, por isso, não combinava aquela estética com a ética da violência simbólica implícita nos gestos de sua comemoração.

Esta breve intervenção pedagógica, assumida por esta mídia, nos mostra que, mesmo reconhecendo o papel ativo e crítico

do *espectador-consimidor* que opera no âmbito dos chamados por Chomsky de *esportes de espectador*, referindo-se às práticas esportivas estadunidenses (rugby, futebol americano e outros), não dá para fazer vistas grossas às possibilidades que tem esses esportes de fomentar estéticas violentas e atitudes extremadas de caráter chauvinistas, arrogantes e belicosas.⁶

Colocadas todas estas questões, damos prosseguimento a este segundo número apresentando a seguir as produções dos nossos colaboradores, a quem agradecemos a confiança e apoio ao projeto editorial, em nome da Motrivivência e do NEPEF/UFSC.

Na sessão de artigos, destacamos os trabalhos de Carmen Rial, de Fernando Mascarenhas e Caroline Ferreira, e de Giovani Pires e Aguinaldo Gonçalves. Rial analisa razões e estratégias da narrativa imagética televisiva, a partir de um olhar antropológico, tendo como cenário o futebol e a Copa do Mundo de 2002. Mascarenhas e Ferreira abordam a produção esportiva radiofônica, especialmente em programa da rádio universitária da UFG, na cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney (2000). Pires e Gonçalves apresentam análise de conteúdo so-

bre dados de campo obtidos com a pesquisa-ação em disciplina acadêmica sobre mídia e esporte, oferecida ao curso de graduação em Educação Física.

Em ponto de vista, o jornalista e professor Paulo Liedtke relaciona a mídia esportiva e os interesses econômicos, enquanto que os jornalistas Juca Kfoury e José Roberto Torero respondem à entrevista eletrônica proposta pela editoria, discutindo as relações entre a indústria da mídia de massa e o esporte-espetáculo.

Cientifique-se abre espaço para resumos de duas dissertações de mestrado em Educação Física. Na primeira, Mário Guarizi relata experiência com uma nova sequência metodológica para a iniciação ao basquetebol; a seguir, Ana Lúcia Cardoso reflete sobre as possibilidades do futebol escolar co-educativo, sob a perspectiva crítico-emancipatória.

Em experimentando, Ricardo Lucas Pacheco, Melyssa Mol e Mário L. Barroso relatam a experiência de produzir e apresentar um programa informativo/formativo sobre esporte amador em um canal de TV educativa. Na seção grupos de estudo, os professores da UFRN José Pereira de Melo e Terezinha Petrucia da Nóbrega apresentam o Grupo de

6 Cf. CHOMSKY, N. *Segredos, Mentiras e Democracia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

Estudos Corpo e Cultura de Movimento, ligado ao departamento de Educação Física daquela universidade.

Para finalizar, três textos de **porta aberta** “fecham” esse número: a acadêmica **Priscilla de Cesaro Antunes** aborda a produção das imagens do corpo feminino em nossos dias, com a efetiva participação da mídia; o professor **Carlos Luiz Cardoso** reflete sobre a construção social do tempo na modernidade, relacionando-o com as concepções de Educação Física e esporte. E **João Batista Freire** reafirma o caráter pedagógico da Educação Física, criticando critérios de avaliação da produção pela pós-graduação da área.

Gostaríamos de destacar ainda que neste número estamos homenageando o ilustre e iminente sociólogo francês **Pierre Bourdieu**, considerado um grande crítico do neoliberalismo e da mídia atrelada ao capital. Na verdade, como ele costumava dizer, praticava um *esporte de combate*, quer dizer, não se considerava literalmente um boxeador ou lutador de Jiu-Jitsu. Todavia, a Sociologia representava para ele um espaço para a luta e o conflito. Assim, para além de sua contribuição teórica, conseguiu ter uma atuação pública engajada de combatente, frente aos problemas sociais do tempos difíceis em que vivemos.

Para encerrar esta edição, gostaríamos de responder ao co-

mandante norte-americano na epígrafe que inicia este editorial com trechos da *Carta a Bush*, de **Gabriel García Márquez**, sobre o 11 de setembro:

Hace casi um siglo que tu país está en guerra con todo el mundo. Curiosamente, tus gobernantes lanzan los jinetes del Apocalipsis en nombre de la libertad y de la democracia. Pero debes saber que para muchos pueblos del mundo (en este planeta donde cada día mueren 24.000 pobladores por hambre o enfermedades curables), Estados Unidos no representa la libertad, sino un enemigo lejano y terrible que solo siembra guerra, hambre, miedo y destrucción. Siempre han sido conflictos bélicos lejanos para ti, pero para quienes viven allá es una dolorosa realidad cercana, una guerra donde los edificios se desploman bajo las bombas y donde esa gente encuentra una muerte horrible. Y la víctimas han sido, en el 90 ciento, civiles, mujeres, ancianos, niños e efectos colaterales.

Florianópolis, abril de 2003.

Maurício Roberto da Silva
Giovani De Lorenzi Pires
Editores